

SER E APARECER NA FILOSOFIA DE PEIRCE: O ESTATUTO DA FENOMENOLOGIA

BEING AND APPEARING ON PEIRCE'S PHILOSOPHY: THE PHENOMENOLOGY STATUTE

Prof. Dr. IVO ASSAD IBRI

Resumo: A Fenomenologia ou Faneroscopia, para C. S. Peirce, é uma ciência daquilo que *aparece* à experiência e, segundo o autor, trata-se da primeira das ciências da Filosofia. Nela são fundadas três categorias que classificam não apenas as *aparências* mas, também, no âmbito da Ontologia, vincula-se ao *ser* da *realidade*. Peirce considera a Fenomenologia uma das cinco ciências independentes da Lógica, sendo meramente conjectural em sua proposições. Procuraremos mostrar, neste trabalho, que ela é uma ciência fundamental que anuncia em si mesma a inscrição do *ser* enquanto totalidade do *aparecer*, configurando, na Filosofia de Peirce, uma vez mais o método do Pragmatismo na concepção do significado das teorias.

Abstract: C. S. Peirce's Phenomenology or Phaneroscopy is a science of what *appears* to human experience and, according to the author, is the very first science of Philosophy. In this science are founded three categories that not only classify appearances but also, from an ontological point of view, will be linked to the *being* of reality. Peirce considers Phenomenology one of five sciences that are independent from Logic, being merely conjectural in its claims. This paper will try to show that Phenomenology is a fundamental science that announces in itself the inscription of *being* as the totality of *appearance*, configuring once more the Pragmatism method in conceiving the meaning of theories.

Peirce funda as bases de sua Fenomenologia em 1902, quando também inicia a consolidação de sua classificação das ciências. Segundo ele, a Fenomenologia é a primeira das ciências da Filosofia, que possui mais duas partes, a saber, as Ciências Normativas e a Metafísica.

Nessa classificação, fica clara uma hierarquia entre essas ciências, fazendo com que toda a Filosofia se baseie ou tenha fundamento numa ciência da aparência, ou seja, daquilo que aparece para toda consciência e constitui para ela *experiência*.

Ivo Assad Ibri é professor do Departamento de Filosofia da PUC/SP.

Essa ciência, Peirce denomina também Faneroscopia e, o fenômeno, *faneron*, procurando, de certa forma, distingui-la nominalmente de outras Fenomenologias clássicas da Filosofia, como as de Kant e Hegel.

Sobre o que, enfim, aparece, afirma o autor: "... por *faneron* entendo o total coletivo de tudo o que está de qualquer modo presente na mente, sem qualquer consideração se isso corresponde ou não a qualquer coisa real"¹

Parece então que essa ciência considerará como fenômeno tudo aquilo que possa aparecer em nossa consciência sem distinção entre mundos imaginário e real, pois:

o que devemos fazer como estudantes de Fenomenologia é simplesmente abrir nossos olhos mentais, olhar bem para o fenômeno e dizer quais são as características que nele nunca estão ausentes, seja esse fenômeno algo que a experiência externa força sobre nossa atenção, ou seja o mais selvagem dos sonhos ou a mais abstrata e geral das conclusões da ciência.²

De acordo com essa passagem, a Fenomenologia além de tomar como objetos o mundo interior e exterior indiferenciadamente³, introduz o termo *experiência*, ampliando sobremaneira este conceito.

Contudo, o que Peirce entende por *experiência*? Nas palavras do autor: "experiência é o inteiro resultado cognitivo do viver"⁴, ou ainda: "experiência é o curso da vida"⁵.

E afinal, como iniciar a prática dessa ciência, qual o seu método? Como se inicia o trabalho de investigação fenomenológica? Afirma o autor:

As faculdades que devemos nos esforçar por reunir para este trabalho são três. A primeira e principal é aquela rara faculdade, a faculdade de ver o que está diante dos olhos, tal como se apresenta sem nenhuma interpretação... Essa é faculdade do artista que vê, por exemplo, as cores aparentes da natureza como elas se apresentam...⁶

Ver o que está diante dos olhos e abster-se de interpretá-las, aparentemente um quesito simples, é em verdade um grande desafio: o de afastar de nosso espírito, por alguns momentos que sejam, aquela espécie de intoxicação mediativa que se interpõe entre nós e a pura presentidade do fenômeno.

Caberia, não obstante, perguntar: que importância essa experiência *desinteressadamente contemplativa* poderia ter? Não estamos no mais das vezes, e por isto aquela experiência torna-se difícil, em busca de *solucionar problemas* e, desse modo, interessados em *julgar* o objeto diante de nós buscando a escolha de um modo de ação – e como haveríamos de fazê-lo, abrindo mão da linguagem?

Ainda para a prática dessa ciência, Peirce requer de seu estudioso mais duas habilidades:

A segunda faculdade de que devemos munir-nos é uma discriminação resoluta que se fixa como um *bulldog* sobre um aspecto específico que estejamos estudando, seguindo-o até onde ele possa se ocultar e detectando-o sob todos os seus disfarces. A terceira faculdade de que necessitamos é o poder generalizador do matemático, que produz a fórmula abstrata, que compreende a essência mesma da característica sob exame, purificada de todos os acessórios estranhos e irrelevantes.⁷

A segunda faculdade requerida parece exigir do estudioso uma capacidade de atenção em determinados aspectos do fenômeno. Algo no fenômeno poderá chamar a atenção de tal modo que ela deverá ser disponibilizada no tempo, perscrutando esse *algo* em sua possível incidência notável. Por fim, requer-se a capacidade de generalização do matemático, certamente para que a coleta daquela incidência notável apreendida pela segunda faculdade seja representada de um modo geral, na construção de uma classe de objetos com adequado critério de relevância, típico do pensamento no interior da Matemática.

Em trabalho anterior⁸ já havíamos denominado essas três faculdades de *ver*, *atentar para* e *generalizar*. Ver-se-á, todavia, que essa *generalização* não é propriamente aquela empregada na construção de um juízo categórico, mas, sim em juízos conjecturais, puramente hipotéticos e de alcance apenas classificatório. É evidente esse caráter puramente especulativo da Fenomenologia nas palavras do autor: “a Fenomenologia deveria antes ser definida como o estudo do que *parece ser preferencialmente ao estatuto* daquilo que *aparece*.”⁹

Poder-se-ia admitir que se trata de uma ciência simples: de fato, assim ela se propõe ser, mercê de seu descompromisso com afirmações categorialmente verdadeiras. Contudo, o estatuto dessa ciência parece problematizar-se quando se considera a afirmação de Peirce de que ela não depende da Lógica. De um lado, como uma ciência poderia constituir-se como tal sem basear-se na Lógica? Por outro lado, sabe-se que Peirce preconiza três formas de argumento no interior da Lógica, a saber, Abdução, Dedução e Indução. Não seria a Abdução justamente aquele modo de argumento que propõe hipóteses, ou seja, que constrói *juízos conjecturais*, devendo ser, por esta razão, o suporte formal das proposições da Fenomenologia?

Deixando essa questão por ora suspensa, remetamo-nos à classificação das ciências de Peirce, onde, a exemplo da Fenomenologia, mais quatro ciências independem da Lógica:

...existem apenas cinco ciências teóricas que não dependem da ciência da lógica. Uma dessas cinco é a própria Lógica... ela é a última das cinco. A primeira é a Matemática. A Matemática pode ser considerada como uma arte do raciocínio. Talvez essa não seja a mais elevada concepção que se possa fazer dela. De qualquer modo, a Matemática não necessita investigar sobre uma teoria de validação de suas próprias argumentações; pois essas são mais evidentes que qualquer teoria o poderia ser. A segunda das cinco é aquele departamento da filosofia denominado *Fenomenologia*, cuja missão é simplesmente efetuar um inventário de aparências *sem adentrar uma investigação sobre seu caráter de verdade*. A terceira é a Estética ... A quarta é a Ética.¹⁰

Nessa hierarquia, a Fenomenologia é dependente da Matemática e esta, de sua vez, segundo a opinião do autor, é a única ciência que tem uma autonomia de fundamentos, não dependendo de nenhuma outra ciência.

Não obstante seja de interesse explorar a dependência, em relação à Fenomenologia, da Estética e da Ética, que com a Lógica perfazem o que na classificação de Peirce se denominam Ciências Normativas, para os propósitos deste trabalho importa nos atermos à relação entre Fenomenologia e Matemática. Sob este ponto de

vista, tomando por base esta última passagem da obra do autor, entender a Matemática como uma “arte do raciocínio” faz supor que essa arte deva ser empregada também na Fenomenologia, dada a dependência desta em relação à primeira, não obstante a pesquisa fenomenológica não venha a adentrar uma “investigação sobre seu caráter de verdade”. Transitivamente, deve-se supor, então, que a natureza das verdades matemáticas não é a mesma da Lógica. De fato, esclarece o autor:

A Matemática não é uma ciência positiva; pois o matemático se mantém livre para afirmar que A é B ou que A não é B , tendo como única obrigação, na medida em que ele diz que A é B , de fazê-lo consistentemente. Mas a Lógica principia por ser uma ciência positiva; desde que existem algumas coisas em relação às quais o lógico não está livre para supor que elas são ou não são; mas reconhece que uma compulsão sobre si para afirmar uma e negar a outra. Assim, o lógico é forçado, pela observação positiva, a admitir que existe tal coisa como a dúvida, que algumas proposições são falsas, etc. Mas acompanha essa compulsão uma responsabilidade correspondente de não admitir qualquer coisa que ele não seja forçado a admitir.¹¹

Desse modo, sob o ponto de vista do autor, a Lógica deve cuidar de verdades positivas, estando, assim, sob essa pressuposição, submetida à alteridade fática. Não por outra razão, a relação de dependência entre Lógica e Fenomenologia se consuma da primeira para a segunda, restando, contudo, compreender o que significa o caráter *conjectural* desta ciência se ele não é caracterizado pela *natureza conjectural da Abdução*, próprio do quadro hipotético-argumentativo da Lógica.

Parece que a melhor solução para essa questão se encontra na relação entre Matemática e Fenomenologia. Ambas essas ciências estão, dentro do quadro classificatório das ciências segundo Peirce, isentas de referência objetual a uma *realidade*. A Matemática conjectura sobre *formas e relações*, obtendo delas conseqüências necessárias. A Fenomenologia irá conjecturar sobre classes de *aparências*. Seu método deve advir da Matemática em um sentido interessante que inclui, também, a capacidade de contemplação do matemático para suas próprias construções, constituídas pelo que Peirce denomina *diagramas*, conceito muito próximo ao conceito kantiano dos *esquemas*.

Passagens interessantes a respeito podem ser destacadas na obra do autor:

[“Todo raciocínio necessário, sem exceção, é *diagramático*. Isto é, construímos um ícone de nosso estado de coisas e passamos a observá-lo.”¹²]; [“Um *diagrama* tem a vantagem de fazer apelo ao olho.”]¹³ “O ato de inferência consiste ... na construção na imaginação de um tipo de *diagrama* ou imagem estrutural do que é essencial do estado de coisas representado nas premissas, no qual, por manipulação mental e *contemplação*, as relações que não foram notadas são descobertas.”¹⁴

Em trabalho anterior,¹⁵ exploramos a questão da temporalidade nas operações heurísticas da contemplação matemática, concluindo que a condição de possibilidade da descoberta de novas propriedades matemáticas era, justamente, a supressão do tempo na consciência perceptiva. Evidentemente, essa questão é suficientemente complexa para que no estreito espaço deste artigo dela se faça apenas menção.

Nesse sentido, cabe assinalar que uma das características da contemplação fenomenológica, a daquele olhar despido de mediações para o fenômeno que Peirce reivindica como primeira faculdade do estudioso da Fenomenologia, é, também, a ausência de consciência temporal.

Poder-se-ia dizer, talvez, que a Fenomenologia emprestará da Matemática seu *espírito*, a saber, as *habilidades* que são requeridas do matemático, *como formas de seu pensar criador* e não, desta ciência, seus *modelos*, entendidos como estruturas teóricas – eles se prestam a ciências especiais como a Física e constituem sua mais própria e legítima linguagem.

O que, de fato, Peirce pretende para a Fenomenologia, é uma ciência inventariante, taxonômica, que irá fundar três modos de ser dos fenômenos e da consciência, já anunciando que os modos do *aparecer* na sua exterioridade serão categorialmente os mesmos dos modos do *aparecer* interior¹⁶.

Evidentemente, ao requerer a necessidade de três faculdades, as de *ver*, *atentar para* e *generalizar*, Peirce já está associando cada uma delas a uma categoria, a saber, à *primeiridade*, à *segundidade* e à *terceiridade*.

Voltemos à nada fácil *ciência nenbuma*¹⁷, a ciência de *ver*, simplesmente ver: a ela estará associada a primeira categoria, a *primeiridade* (*firstness*)¹⁸. De fato, a idéia de *primeiro* sugere uma categoria em que não há *outro*, ou seja, ela não caracteriza uma experiência de *alteridade*, ou de qualquer forma de conflito.

Assim, nas palavras do autor, “a idéia de primeiro é predominante nas idéias de novidade, vida, liberdade. Livre é aquele que não tem outro atrás de si determinando suas ações...”¹⁹ E o que são, segundo Peirce, aqueles elementos fenomenicamente primeiros? Afirma ainda o autor:

Entre os *fanerons* há certas qualidades de sentimento tais como a cor de magenta, o odor da rosa, o som do silvo de um trem, o sabor do quinino, a qualidade da emoção ao se contemplar uma bela demonstração matemática, a qualidade de sentimento do amor etc.²⁰

Essas qualidades de sentimento – *quality of feelings* – são talidades (*suchness*) da consciência, simples em si mesmas, simplicidade que é garantida pela pura presentidade das qualidades no fenômeno. Para a consciência que experienciar essas qualidades sem nenhuma mediação, em um estado meramente contemplativo, não há fluxo do tempo. Nela o passado não se interpõe como lembrança, necessária que seria para um juízo de reconhecimento da experiência. Tampouco intervém a temporalidade do futuro através da intencionalidade de um plano ou judicativa. Este é um estado de consciência absolutamente mergulhado no presente. Tal estado da mente, cabe aqui de novo tão-somente assinalar, é fundamentalmente heurístico, e constitui, como temática teórica, um dos pontos de maior interesse na obra de Peirce. Essa presentidade, caracterizada por um hiato no tempo da consciência, é confirmada nas seguintes palavras do autor:

...é bastante simples que tudo o que está imediatamente presente para um homem é o que está em sua mente no instante presente. Toda sua vida está no presente. Mas

quando ele pergunta o que é o conteúdo do presente instante, sua questão sempre vem muito tarde. O presente se foi e o que dele permanece está acentuadamente metamorfoseado.²¹

Quando, então, em um estado contemplativo de apreensão de meras qualidades na sua totalidade, ou melhor ainda, na sua unidade, interfere a intenção judicativa, cognitiva, irão, também e necessariamente, interpor-se experiências pretéritas que quebrarão aquela unidade e, mais que isso, introduzirão a temporalidade na consciência. É sob essa idéia de unidade e atemporalidade que Peirce esclarece o conceito lógico de sentimento, conforme a seguinte passagem:

Por um sentimento eu entendo um exemplo daquele tipo de consciência que não envolve nenhuma análise, comparação ou qualquer processo que seja, nem consiste, no todo ou em parte, de nenhum ato pelo qual uma extensão de uma consciência é distinta de outra e que tem sua própria qualidade positiva, que consiste em nada além disto e que é de si mesma tudo o que é ... assim, se esse sentimento está presente durante um lapso de tempo, ele está completa e igualmente presente em qualquer momento daquele tempo.²²

É também extremamente interessante e teoricamente promissora essa análise do sentimento pelo seu viés de *unidade e temporalidade*. Mais que isso, ela anuncia uma ruptura no tempo da consciência que irá proporcionar uma investigação sobre as relações entre o *continuum* de um tempo objetivo e o continuum da temporalidade subjetiva.

Não obstante, a unidade de consciência se esteia justamente na extrema variedade do fenômeno. Eis aqui outro ponto extremamente importante, caracterizado pelas relações entre unidade interna e diversidade externa, ambas necessariamente sob a égide da primeiridade, ou seja, da categoria da liberdade e incondicionalidade.

Como *segunda* categoria, Peirce convida o estudioso de filosofia a refletir sobre a seguinte passagem:

Estamos continuamente colidindo com o fato duro. Esperávamos uma coisa ou passivamente a tomávamos por admissível e tínhamos sua imagem em nossas mentes, mas a experiência força essa idéia ao chão e nos compele a pensar muito diferentemente.²³

A consciência associada a essa experiência, diz Peirce, é de dualidade. Esse é um dos pontos mais fortes da filosofia peirciana: sua enfática consideração da *alteridade*, da experiência de negação. Esta experiência ubíqua em nossas vidas é exemplificada pelo autor:

Você tem este tipo de consciência de uma maneira pura, com alguma aproximação, quando coloca seu ombro contra uma porta e tenta forçá-la a se abrir. Você tem um sentimento de resistência e, ao mesmo tempo, um sentido de esforço. Não pode haver resistência sem esforço; não pode existir esforço sem resistência. Eles são apenas dois modos de descrever a mesma experiência. É uma dupla consciência.²⁴

Essa experiência é também cognominada por Peirce de *bruta*, por ser meramente reativa em sua imediatidade. Caracteriza-se também sua individualidade, pela singularidade dessa reação. Nas palavras do autor: “uma reação é alguma coisa que ocorre *hic et nunc* ... Ela é um evento individual ...”²⁵

Para Peirce, essa experiência de reação contra a consciência é a experiência fundamental para determinação do *eu* enquanto positividade diante da negação. Ele é explícito ao dizer: “tornamo-nos conscientes do eu ao tornarmo-nos conscientes do não-eu”.²⁶

É muito interessante a consideração peirciana do não-eu interno, na forma do passado que exerce uma espécie de compulsão sobre a consciência: “se você se queixar ao Passado que ele não é razoável, ele se rirá. Ele não confere a menor importância à Razão. Sua força é força bruta”,²⁷ ou ainda: “o passado consiste numa soma de *faits accomplis* ... o passado realmente age sobre nós precisamente como um objeto existente o faz.”²⁸

Essa segundidade interna se torna categorialmente o correlato da reação do fenômeno externo contra a consciência, à semelhança da correspondência entre unidade interna e diversidade externa, ambas sob a primeira categoria. Neste ponto, prossegue a Fenomenologia em sua missão taxonômica.

A terceiridade, por sua vez, aparecerá como uma categoria de mediação entre a primeira e a segunda. Justamente a faculdade de generalizar será requerida para encontrar no fenômeno seus possíveis elementos gerais. Nas palavras de Peirce: “Terceiridade, no sentido da categoria, é o mesmo que mediação”.²⁹ A experiência de mediação configura-se como uma experiência de síntese, delineando uma consciência sintetizadora:

Parece, então, que as verdadeiras categorias da consciência são: primeira, sentimento, a consciência que pode ser incluída em um instante de tempo, consciência passiva de qualidade, sem reconhecimento ou análise; segunda, consciência de interrupção no campo da consciência, sentido de resistência, de um fato externo, de alguma outra coisa, e terceira, consciência sintética, ligação com o tempo, sentido de aprendizagem, pensamento.³⁰

Enquanto as duas primeiras categorias são imediações para a consciência, vale dizer, não envolvem tempo na sua apreensão, a terceira é tipicamente temporal. Em verdade, é esta consciência de tempo que caracteriza a síntese e a aprendizagem. Peirce afirma claramente que: “esta é a consciência que aglutina nossa vidas. Ela é a consciência de síntese”³¹, ou ainda: “todo fluxo de tempo implica aprendizagem; e toda aprendizagem implica fluxo de tempo”.³²

O estudioso da obra peirciana irá constatar que a categoria da terceiridade é, também, indiferenciadamente, modo de ser da interioridade e da exterioridade. Sob o ponto de vista interior ela se caracterizou como pensamento mediativo. Porém, como exterioridade, o que corresponderia ao pensamento e à mediação? Pretendendo-se a manutenção da homogeneidade das categorias, necessariamente dever-se-á adotar uma postura *realista*, admitindo universais como generalidades ontológicas, ou seja, *continua* que subsumem os fatos na forma de leis da natureza.

Contudo, é também verdade, à Fenomenologia, como ciência das aparências, não caberá especular sobre a *realidade* desses universais – tal é um dos papéis da *Metafísica*, a terceira ciência da Filosofia.

Como se vê, o passo dado pela Fenomenologia é enorme. Parece que aquele escrutínio da experiência decorre de uma maneira ingênua, mas, de fato, a prática dessa ciência requer uma atitude de *entrega* do espírito ao fenômeno, tendo as três faculdades preconizadas por Peirce como guia para a tarefa classificatória dessa ciência.

Mais que a indiferenciação entre mundos interno e externo, a homogeneidade das categorias evidenciará para a Metafísica a consideração de que a totalidade da existência é a totalidade do *aparecer*, eliminando resíduos obscuros de realidades sobre os quais cabe apenas silêncio epistêmico, a exemplo da coisa em si kantiana.

A Semiótica e o Pragmatismo têm na Fenomenologia a terra fértil onde a consistência lógica poderá ser semeada com sucesso. A primeira, valendo-se daquela indiferenciação categorial entre sujeito e objeto, poderá reivindicar para si um caráter essencialmente dialógico, no qual a *significação* se distinguirá da *realidade* não em *natureza*, mas em *abrangência*: ao semioticista realista caberá supor que há uma infinidade de realidade ainda fora da representação, mas jamais dirá que aquela é estranha a esta e crerá que os arados do tempo e da evolução revolverão o solo fértil e receptivo do signo.

De seu lado, o pragmaticista realista verá, no fenômeno, pensamento vivo, idealidade figurada como expressão legítima de revelação da interioridade, seja ela humana, seja ela do Universo.

De tudo isso está prenhe a Fenomenologia. E difícil, sem dúvida, é sua prática: em um mesmo espírito devem estar quase natural e simultaneamente presentes o talento do *poeta*, aquele que sabe, como ninguém, praticar a *ciência nenhuma* de contemplar e simplesmente fazê-lo na atemporalidade do puro presente, e também o tirocínio do *cientista*, cuja missão é a descoberta de simetrias e regularidades e, por essa razão, tem a mente adestrada para a temporalidade, para o juízo e a síntese que não se fazem sem o tempo.

Peirce, a nosso ver, reunia essas qualidades em sua alma. Certamente o entendimento mais profundo de sua obra requer que se aprenda a apreciar, com a mesma intensidade, tanto a arte quanto a ciência, reencontrando-as, posteriormente, na admirável arquitetura filosófica desse autor.

NOTAS

1. CP 1.284
2. CP 5.41
3. Murphey (1993), p. 367, comenta também esse aspecto peculiar da Fenomenologia de Peirce.
4. CP 1.426

4. CP 7.527
5. CP 1.426
6. CP 5.42
7. CP 5.42
8. Conferir Ibri (1992), p. 6.
9. CP 2.197 (negrito meu).
10. CP 2.120 (os grifos são meus).
11. CP 3.428
11. CP 5.162 (os grifos são meus).
12. NEM III/2: 1120 (o grifo é meu).
13. N-I: 149 (os grifos são meus).
15. Ibri (1994), cap. 4.
16. Misak (1991), p. 72, comenta a irredutibilidade das categorias na apreensão do fenômeno.
17. Termo de Fernando Pessoa por meio do heterônimo Alberto Caeiro, em *O Guardador de Rebanhos*.
18. Segundo Hookway (1992), p. 106, a categoria da primeiridade é a que mais carece de clareza teórica.
19. CP 1.302
20. CP 1.304
21. CP 1.310
22. CP 1.306
23. CP 1.324
24. Idem, ibidem.
25. CP 7.532
26. CP 1.324
27. CP 2.84
28. CP 5.459
29. CP 1.328
30. CP 1.377
31. CP 1.381
32. CP 7.536

BIBLIOGRAFIA

- EISELE, Carolyn (ed.). *The New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce*. 4 vols. The Hague, Mouton, 1976.
- PEIRCE, Charles S. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Ed. Charles Hartshorne; Paul Weiss and Arthur Burks. 8 vols. Cambridge: Harvard UP, 1931-35 e 1958.
- HOOKEYWAY, Christopher. *Peirce*. London/New York, Routledge & Kegan Paul, 1992.
- IBRI, Ivo A. (1992). *Kósmos Noetós: A arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo, Perspectiva/Hólon.
- IBRI, Ivo A. (1994). *Kósmos Poieticós: Criação e descoberta na filosofia de Charles S. Peirce*. São Paulo, USP. Tese de doutorado.
- MISAK, C.J. *Truth and the End of Inquiry*. Oxford, Clarendon Press, 1991.
- MURPHEY, Murray G. *The Development of Peirce's Philosophy*. Indianapolis/Cambridge, Hackett, 1993.